

VIDAS IMPORTAM E A FALSA SIMETRIA: O DISCURSO EM MOVIMENTOS SOCIAIS

LIVES MATTER AND FALSE SYMMETRY: DISCOURSE IN SOCIAL MOVEMENTS

Ingrid Cunha de Carvalho **1**
Vanice Sargentini **2**

Resumo: A atual conjuntura favorece um momento de ampla socialização e compartilhamento digitalizados. Por meio das mídias, sobretudo as digitais, movimentos sociais são articulados e seus enunciados emergem em uma singularidade contextual, produzindo acontecimentos discursivos, que se instalam na luta por uma suposta verdade do fato. Neste artigo, o objetivo é analisar, a partir dos estudos discursivos foucaultianos, o discurso a respeito do movimento Black Lives Matter, compreendido como objeto de desejo e de disputa que, portanto, mobiliza séries discursivas em confronto. Para isso, os conceitos de enunciado e de acontecimento discursivo, fundamentados na obra *A arqueologia do Saber*, serão fundamentais para compreendermos a emergência de determinados enunciados em meio às séries de manifestações de reivindicação ao combate do racismo, articuladas pelo movimento Black Lives Matter, que ergueu-se nos EUA e ressoou no Brasil e em outros países. Assim, pôde-se compreender os enunciados como reveladores de uma oposição, operando para efetivação de diferentes práticas sociais.

Palavras-chave: Enunciado. Mídias Digitais. Foucault.

Abstract: The current situation favors a moment of a wide digital socialization and digital sharing. By means of media, mainly the digital ones, social movements are articulated and their statements emerge in a contextual singularity, producing discursive events, which settle in the fight for a supposed truth of the fact. This article is based on the discursive studies of Foucault, and aims to analyze the discourse about the movement Black Lives Matter, understood as an object of desire and of fighting for; this discourse, therefore, mobilizes discursive sequences in confrontation. The concepts of statement and discursive event, based on the work *The Knowledge's archeology*, will be fundamental to understanding the arising of some statements amid the series of manifestations to vindicate the combat of racism, articulated by the Black Lives Matter movement, which was born in the USA and echoed in Brazil and in other countries. Thus, it was possible to understand the statements as revealing an opposition, operating to implement different social practices.

Keywords: Statement. Digital Media. Foucault.

Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista CNPq. Membro do grupo de pesquisa a-TeVê – Laboratório de Análise de Teleficção e do Orbitel Brasil – Observatório Íbero-Americano de Ficção Televisiva. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8000788701714353>. E-mail: barbarafvieira@hotmail.com **1**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora Titular da UFSCar. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1406919572611392>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7760-3075>. E-mail: sargentini@uol.com.br **2**

Introdução

Ao problematizar a história das ideias, da qual tenta desvincular-se, Foucault (2008) propõe a descrição arqueológica dos saberes e a escansão dos discursos a partir de novas unidades. Assim, é importante pontuar algumas diferenças do seu método em relação às metodologias que se utilizam de algumas unidades como a tradição, a influência, a evolução como pilares de manutenção da continuidade. A arqueologia não pretende definir aquilo que se oculta ou se manifesta no discurso, mas o próprio discurso como prática. Não busca o discurso escondido, mas o próprio discurso efetivamente enunciado em sua singularidade. Não pretende voltar à origem dos discursos, mas tratá-los em sua especificidade e na sua irrupção. Tampouco pretende restituir o que poderia ser pensado ou desejado pelo homem a partir da enunciação do discurso. Mas é, sobretudo, uma descrição do discurso como objeto que o método arqueológico pretende. Para isso, Foucault traz os conceitos de descontinuidade e ruptura que orientam a descrição arqueológica para a singularidade do momento de irrupção do enunciado.

Na verdade, a supressão sistemática das unidades inteiramente aceitas permite, inicialmente, restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento e mostrar que a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha na geologia da história, mas já no simples fato do enunciado; faz-se, assim, com que ele surja em sua irrupção histórica; o que se tenta observar é essa incisão que ele constitui, essa irreduzível - e muito frequentemente minúscula - emergência (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Assim, o enunciado é abordado e compreendido em seu próprio acontecimento, que lhe confere singularidade. Com isso, pretende-se identificar as condições que o fizeram emergir e identificar suas relações possíveis com determinados enunciados, fazendo excluir outros. Nessa proposta, o autor desenvolve os conceitos de enunciado e de acontecimentos discursivo utilizados neste trabalho para fundamentar a descrição dos enunciados selecionados para fins analíticos e que surgem como desdobramentos das manifestações do movimento Black Lives Matter, que no Brasil denominou-se *Vidas negras importam*.

Discutir se o engajamento sobre o caso George Floyd, nas redes digitais, traz implicações positivas não é o propósito deste trabalho, mas é evidente que o referido episódio suscitou uma série de debates nas redes sociais e manifestações de apoio ao movimento. O engajamento da hashtag¹ *#VidasNegrasImportam*, a série de postagens sucessivas e combinadas compostas por uma foto preta acompanhada de palavras-chave, junto à divulgação de trabalhos e referências de profissionais negros das mais diversas áreas são exemplos dessa série de manifestações coordenadas na internet. Porém, em contraposição, emerge um movimento contrário atravessando toda essa conscientização manifestada. É nesse contexto que emerge em português o enunciado “Todas as vidas importam” disseminado nas hashtags e nos textos postados nas redes digitais sociais. A partir dessa pontualidade contextual, tomaremos esses dois enunciados considerando a originalidade do seu momento de irrupção para fins de análise, pois, conforme Foucault (2008, p.28):

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos

¹ As hashtags, palavra de origem inglesa, são palavras-chaves associadas a um determinado assunto ou informação utilizadas nas mídias sociais digitais. Elas facilitam na identificação de um tópico específico, geralmente amplamente divulgado na Internet.

menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância.

Este trabalho não se propõe a investigar a origem do discurso racista conservador, tampouco dos discursos progressistas que emergem do debate de raça. Também não se propõe a investigar os discursos ocultos que supostamente estariam escondidos no discurso manifesto, temas esses que poderiam levar a compreender o discurso em sua continuidade. Objetiva-se investigar a emergência de enunciados como acontecimentos, inseridos em práticas sociais de enunciabilidade. Especificamente, objetiva-se analisar, a partir dos estudos discursivos foucaultianos, o discurso a respeito do movimento Black Lives Matter, compreendido como objeto de desejo e de disputa que, portanto, mobiliza séries discursivas em confronto. Para isso, utilizaremos os conceitos de enunciado e acontecimento discursivo de Foucault (2008) para descrever os enunciados movimento “Vidas Negras Importam” e novos enunciados que instauram uma outra série.

Nessa perspectiva, abordar o discurso como acontecimento é tratá-lo no seu surgimento, na sua singularidade e no seu acaso e assim não remeter o discurso a uma origem possível, pois como acontecimento e prática, ele próprio que constrói verdades (uma vez que acontecimento vem a constituir o fato) e origina o significado com suas interpretações e deslocamentos. No curso Aulas sobre a vontade de saber, Foucault (2014) expõe o caráter policéfalo do acontecimento que é “sempre uma dispersão, uma multiplicidade” (p. 175), que tem como efeito definir “o lugar e o papel de um tipo de discurso, a qualificação daquele que deve fazê-lo, o âmbito dos objetos ao qual se dirige, o tipo de enunciados que ocasiona” (p. 175). Assim, o acontecimento discursivo não é apreensível unicamente num texto ou num discurso, ele está disperso em leis, instituições, relações de poder e resistências, enfim em práticas discursivas. A metodologia da análise arqueológica do discurso que compreende o enunciado no campo dos acontecimentos discursivos, em toda sua singularidade e prática discursiva conferida pelo momento de seu surgimento é fundamental para este trabalho. Segundo Foucault (2008, p. 31):

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.

Os dois enunciados - (i) Vidas negras importam e (ii) Todas as vidas importam - podem ser tomados como acontecimento discursivo tendo em vista que emergem graças a um jogo de relações que caracterizam o nível do discurso, no interior de um arquivo materializando-o e fazendo surgir novas significações. Esse arquivo diz respeito ao que pode ser dito e é compreendido como um regime de enunciabilidade regendo o aparecimento de cada enunciado como singular. Segundo Foucault (2008, p. 143) “é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria”. Nesse regime de enunciabilidade, há o que podemos dizer (condições de emergência) e está dentro da nossa prática discursiva, compreendida como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram para uma época dada [...] as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Assim, tanto o enunciado (i) quanto o enunciado (ii) emergem dentro de um regime de enunciabilidade brevemente previsível que dispõe de um arquivo sobre o que é ser branco e ser negro, sobre como deve ser um movimento social e quais devem ser suas formas de atuação. Diante da disseminação do enunciado “Vidas negras importam”, emerge um enunciado como resposta, deslocando seu sentido inicial para outras fronteiras, invertendo seu sentido

à medida que o transforma e o desloca, produzindo um novo sentido. Vemos assim, uma relação que se estreita entre o acontecimento das manifestações e do discurso; a qualificação daquele que deve fazê-lo; o âmbito de objetos ao qual se dirige; o tipo de enunciados que ocasiona” (Foucault, 2014, p. 175). Por isso mesmo, o discurso é um palco de disputa e objeto de desejo; enfim – “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Diante da importância da circulação desses dois enunciados como uma prática discursiva e da sua compreensão como acontecimento, trazemos para reflexão a existência de uma falsa simetria que se instaura a partir do enunciado reativo ao movimento *Todas as vidas importam*. Para isso, faremos uma descrição dos dois enunciados em questão e abordaremos os conceitos de enunciado e acontecimento discursivo para uma melhor compreensão das relações que cercam a emergência desses enunciados-acontecimentos dentro de uma prática discursiva que utiliza o discurso como mecanismo para reiterar relações de poder.

Sobre o movimento *Black Lives Matter*

O *Black Lives Matter* é uma organização global que visa extirpar a supremacia branca e construir poder local para reivindicar e operar contra a violência vivenciada pelas comunidades negras. Eles se autointitulam como um coletivo de libertadores e acreditam em um movimento inclusivo e expansivo. Com ações predominantes nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, a organização foi fundada em 2013 como resposta à absolvição do segurança George Zimmerman, responsável pelo assassinato de Trayvon Martin, adolescente negro, estudante do ensino médio e residente do estado da Flórida, nos Estados Unidos. Desde sua fundação, o movimento tem tomado grandes proporções e ganhado visibilidade nas mídias eletrônicas, por meio das redes sociais, com suas campanhas e ações coordenadas pelo mundo, inclusive no Brasil. Essas ações visam diferentes pautas no seio do movimento negro: reforma da imigração, violência policial, responsabilização política, interferência em campanhas eleitorais políticas, investimentos públicos e alocação de recursos para as comunidades negras.

Recentemente, no ano de 2020, o caso do assassinato de George Floyd, em 25 de maio, foi um estopim para uma série de manifestações originalmente iniciadas nos Estados Unidos e posteriormente espalhadas pelo mundo, inclusive no Brasil. O vídeo que registra a ação policial de assassinato, disseminou-se pelas redes sociais ocasionando um inconformismo que levou milhares de pessoas às ruas, as quais reivindicavam por justiça pelo caso de George Floyd e por melhores ações e uma nova postura para o combate ao racismo. No primeiro domingo de junho, como um movimento em onda advindo das manifestações feitas nos EUA, milhares de pessoas foram às ruas em diversas capitais do Brasil para reivindicar medidas de combate ao racismo e à violência policial contra a população negra manifestando solidariedade e adesão à causa.

Por todas as manifestações, em diversos países, podemos apontar a existência do enunciado (i) *Vidas negras importam* como recorrente. Manifestando-se em cartazes e palavras de ordem, esse enunciado migra a sua recorrência para o ciberespaço, aparecendo como predominante nas redes sociais, desencadeando inclusive, o uso da *hashtag* #VidasNegrasImportam. Observa-se que esse enunciado também fomentou uma manifestação nas redes sociais com o uso da *hashtag* #Blackouttuesday como forma de manifestar na mesma série solidariedade ao movimento *Black Lives Matter*.

Ao mirar a atenção para o nosso contexto e modo de vida atual, não podemos negar a presença das mídias digitais no cotidiano das pessoas e com ela, uma nova forma de relacionar-se, integrar-se com o outro e o mundo, movimentar-se, articular-se, consumir e propagar informações. Com isso, surge o conceito de ciberespaço como forma de compreensão desse lugar no qual essa nova forma de interação ganha espaço. Segundo Lévy (1999, p. 15),

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos

computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

O processo de digitalização das informações e da técnica faz emergir o ciberespaço como um canal e espaço significativo de trocas de informação, conexão, interação e movimentação social de maneira mais ágil, possibilitando novos modos de comunicação em relação aos suportes de telecomunicações anteriores. Esse espaço faz nascer uma cibercultura, que se refere aos modos de vida e de conexão entre os usuários desse ciberespaço e segundo Lévy (1999, p. 130) pode ser compreendida como

a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração.

Podemos compreender a cibercultura como expressão desse modo de vida que reúne pessoas em torno de interesses comuns. É uma expressão cultural que diminui distâncias, criando laços sociais em uma grande rede de conexão digital. Por isso, hoje, acompanhamos essa interconexão sem deixar de notar seus desdobramentos e sua presença no seio da vida social. Imersos nessa cultura e nesse espaço, internautas encontraram, nas redes digitais sociais, um meio autônomo de compartilhamento de suas dores e alegrias para além das informações e opiniões. Com esse espaço autônomo, essa grande rede também abriu espaços para a constituição e organização de movimentos sociais, numa relação quase que intrínseca. Castells (2013, p.19) explica essa autonomia em relação aos outros meios de comunicação:

Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida.

Assim, entendemos o ciberespaço também como um meio propício para a organização e articulação dos movimentos sociais. A partir da conexão, os internautas articulam-se e ocupam os espaços públicos trazendo novas formas de organização e articulação social. Não cabe, portanto, entender o ciberespaço como um ambiente de liberdade e autenticidade. São muitas ações programadas, muitas circunstâncias em que a delegação de voz e o apagamento da autoria reafirmam o apagamento do sujeito. Há um ambiente simbólico onde emergem os acontecimentos e desenrolam-se os processos discursivos. Assim, este trabalho irá se debruçar sobre os enunciados manifestados nas redes sociais, que traz uma maneira própria de comunicar-se, estabelecer sentidos e produzir acontecimentos simbólicos, discursivos e pragmáticos.

Discursos em oposição: arena de conflitos e a falsa simetria

As manifestações iniciadas em maio deste ano nascem como reação à violência praticada contra a comunidade negra e assim faz surgir o enunciado “Vidas negras importam” como uma necessidade de reafirmação de premissas básicas que dizem respeito à existência indivi-

dual e coletiva humanas: todo cidadão tem direito à dignidade humana, ao exercício de sua condição de existência pois vidas humanas importam. Essa própria necessidade de afirmação mostra a existência de um esvaziamento dessas práticas ou desses preceitos enquanto prática. Levando em consideração um contexto de sucessivos episódios de violência praticados contra a comunidade negra e uma engrenagem social e política de marginalização, vê-se a necessidade de pontuar uma diferença: as vidas de negros e negras importam. Essa necessidade de pontuação das diferenças é o que também faz emergir o movimento Vidas Negras Importam.

A emergência desse enunciado também nos faz refletir sobre a negação da humanização de pessoas negras. O discurso de igualdade social entre os indivíduos unidos pelo traço de humanidade não inclui pessoas negras, visto que são elas os alvos de um processo de desumanização, que se expressa nas violências e ataques cotidianos. Esse processo é iniciado, nas Américas, com as colonizações e escravização dos povos africanos e negá-lo é negar os fatos históricos.

No contexto dessas manifestações, que tem como estopim o assassinato de George Floyd, o enunciado (i) Vidas negras importam passa a ser produzido, reproduzido e repetido diversas vezes nas mídias digitais. Diante de sua grande repercussão mundial, emerge o enunciado (ii) Todas as vidas importam como reação que marca um deslocamento, que acaba por revelar uma oposição. Com isso, deseja-se afirmar um contraponto ao enunciado anterior e assim surge uma problemática na qual centra-se esse trabalho.

Podemos nos perguntar: “Mas qual o problema? Todas as vidas não importam?”. Devemos mergulhar no contexto e na singularidade da situação em que esse enunciado é produzido: como resposta ao enunciado anterior, convoca a ideia de que todas as vidas são atingidas da mesma forma em um espectro de igualdade. A singularidade da situação passa a ser desconsiderada, assim como a necessidade de pontuação sobre a violência contra vidas negras, especificamente. Judith Butler (2018) pontua bem essa questão, em entrevista a George Yancy, referindo-se ao movimento:

Quando algumas pessoas refazem a mensagem “vidas negras importam” para “toda vida importa”, elas não entendem o problema, ainda que sua mensagem não seja falsa. É verdade que todas as vidas importam, mas é igualmente verdade que nem todas as vidas são construídas para importar. E é justamente por isso que é mais importante nomear as vidas que não importam e que estão lutando para importar do modo que merecem (apud RIBEIRO, 2018, p. 104).

Todas as vidas importam, mas não são todas as vidas que são alvos de uma violência estatal, expressão de uma política que submete corpos a uma desigualdade social. Tão pouco são todas as vidas vítimas de um processo de desumanização que faz com que só algumas sejam feitas para importar. Quem esse “todas” inclui? Vemos que não algumas vidas em específico, dado os acontecimentos. Nomear algo é conferir-lhe acontecimento, apontar sua existência. Para discutir determinado objeto, preciso que ele seja antes apontado, nomeado. Mas como debater um objeto, uma questão se eu a ignoro?

Compreendido em seu acontecimento, o enunciado, unidade mínima do discurso, está situado entre a materialidade da língua, localizada estruturalmente, e o acontecimento, aquilo que é efetivamente dito. Em seu jogo de dispersão e irregularidades, o enunciado (i) Vidas negras importam passa a ser ressignificado pelo outro enunciado (ii) Todas as vidas importam e no nível da materialidade, esse movimento acontece com a simples troca do sujeito gramatical. O sujeito da frase é substituído, e o seu apagamento é simultâneo ao apagamento da especificidade semântica contida na palavra “negras”. Esse simbolismo, no nível do acontecimento, instaura uma prática discursiva diluidora das diferenças e singularidades, que estão no centro do debate, sendo assim o enunciado “sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2008, p. 32).

Dada a condição de existência do enunciado dentro de um campo enunciativo associa-

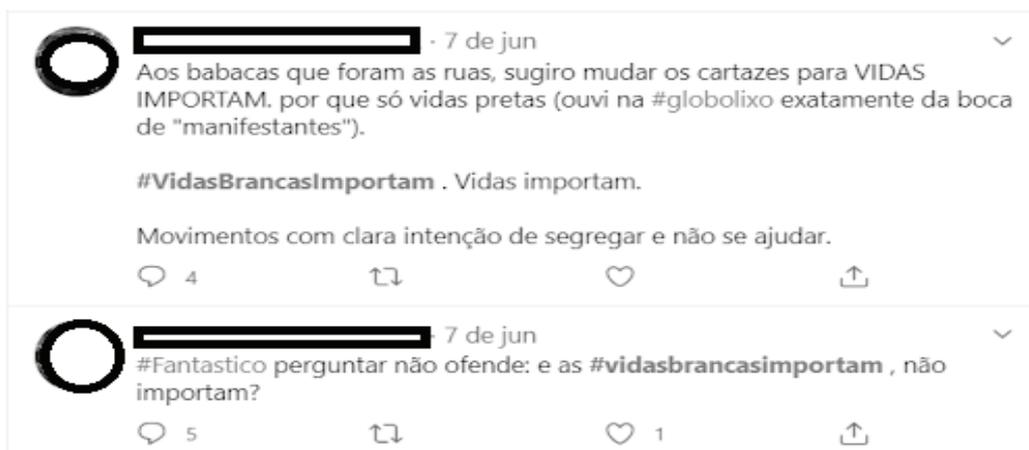
do, compreendemos que o enunciado (ii) Todas as vidas importam convoca a ideia de igualdade social das raças, diluidora de diferenças, que remonta ao discurso de que *somos todos iguais*. O enunciado é, nesse campo, especificado em sua não-neutralidade e não-independência pois “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (FOUCAULT, 2008, p.112). Essa ideia de simetria entre as vidas humanas apaga todas as pontuações específicas que emergem na voz da resistência, a pontuação de que são as vidas negras os alvos atingidos pela violência estatal. Assim, faz surgir uma falsa simetria entre raças que serve para corroborar uma engenharia racista. Nessa engenharia social, o discurso funciona como elemento de exclusão, pois se apagam as diferenças, as singularidades, a necessidade de especificação, os alvos da violência, a voz que emerge como resistência e o sujeito dessa voz em nome de uma perpetuação do poder.

Dessa forma, ocorre uma disputa pelo discurso: “não, não são só vidas negras que importam, nós aqui do outro lado estamos dizendo e é verdade que todas as vidas importam”. Na tentativa de criar uma verdade em que as diferenças sociais são diluídas, o espaço do dizer é disputado e tomado sem ser levado em consideração a voz de quem vive e resiste ao acontecimento e que em outra hora necessitou pontuar sobre as vidas negras, fazendo acontecer o discurso de resistência. Assim, há uma deslegitimação do movimento *Vidas negras importam*.

Logo, podemos visualizar a emergência desses dois enunciados como expressão de lugares diferentes, posições privilegiadas e desprivilegiadas na engenharia social marcando uma oposição: a compreensão do combate ao racismo difere e se desestabiliza.

Para melhor demonstrar a irrupção desses enunciados como acontecimento, ressaltamos o seu aparecimento na materialidade digital, por meio da plataforma do twitter. Como exemplos, seguem as figuras, coletadas por meio de prints, que ilustram a disseminação dos enunciados através de postagens nas hashtags e frases.

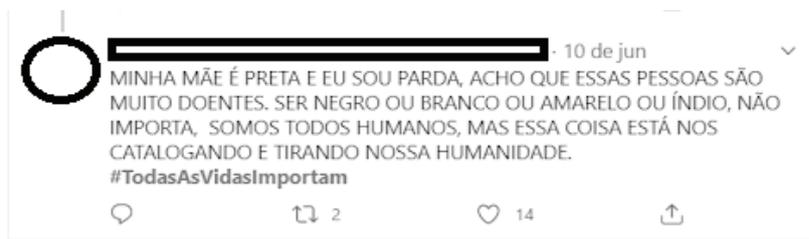
Figura 1. E as vidas brancas?



Fonte: Site do Twitter.²

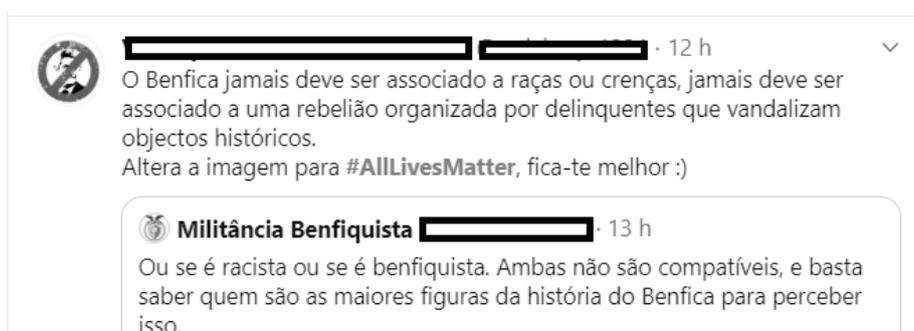
² Disponível em: <<https://twitter.com/twitter>>. Acesso em 13 de jun.2020

Figura 2. Não importa, todos humanos.



Fonte: Site do Twitter.³

Figura 3. Rebelião organizada



Fonte: Site do Twitter⁴

Figura 4. Preta Gil



Fonte: Site do Twitter⁵

3 Disponível em: <<https://twitter.com/explore>>. Acesso em 13 de jun.2020

4 Disponível em: <<https://twitter.com/explore>>. Acesso em 02 de Jul. 2020

5 Disponível em: <<https://twitter.com/explore>>. Acesso em 02 de Jul. 2020

Acima, notamos que todos os textos reúnem críticas ao movimento *Vidas negras importam*. Seus enunciados dialogam entre si e convocam o mesmo tema, mas vamos refletir sobre essa série, individualmente.

Na figura 1, o enunciador questiona a pontuação sobre “vidas negras” e sugere que a frase de ordem seja substituída por “todas as vidas”, acrescentando ainda que as vidas brancas importam. Esses enunciados convocam uma falsa simetria entre vidas negras e vidas brancas numa estrutura social. Com isso, o enunciador apaga as especificidades da questão e dilui o debate sobre o racismo, como se pessoas brancas fossem alvos atingidos da mesma forma pela violência estatal, sugerindo um lugar de importância das vidas brancas nesse debate.

O enunciador, ainda, faz uma crítica direta ao movimento. “Movimentos com clara intenção de segregar e não se ajudar”. Para corroborar a ideia de falsa simetria já convocada nos enunciados anteriores, o movimento é apontado como segregacionista por considerar pessoas negras como alvos do racismo. Nisso, o movimento faria uma suposta segregação social em vez de prestar apoio ou ajudar. Essa colocação refere-se, mais uma vez, à especificação das vidas negras, convocada pelo movimento, que na verdade, aponta a segregação estrutural da sociedade já existente há séculos. O racismo de estado, conforme discutido por Foucault (2010, p. 216) e presente historicamente na sociedade, justifica do ponto de vista do Estado a retirada da vida do outro, seja por um assassinato direto ou indireto, seja por expor à morte, por expulsar, por fazer calar, por rejeitar e intimidar sua expressão.

Na figura 2, lemos “Ser negro ou branco ou amarelo ou índio, não importa, somos todos humanos”. Assim, esse enunciado se inscreve em consonância com uma posição discursiva que convoca o discurso de igualdade entre as raças e a diluição das diferenças sociais. É uma grande referência ao mito da igualdade e democracia das raças brasileiras, que entende a miscigenação como formadora de uma democracia racial na qual os indivíduos são compreendidos como iguais, sem levar em consideração as relações de poder que desencadeiam estruturas privilegiadoras e marginalizantes. Vemos emergir assim, a negação dessa diferença que reflete em uma negação ao combate do racismo em grande escala.

Na figura 3, longe da neutralidade, o enunciador faz uma crítica a um clube multidesportivo por declarar-se apoiador dos ideais antirracistas e do movimento *Black Lives Matter*. O movimento é pontuado com uma rebelião criminosa e seus participantes como delinquentes e vândalos. Dialoga-se, assim, com uma formação de discursos outros que marginaliza movimentos sociais e criminaliza seus corpos. A partir desse enunciado, convoca-se uma deslegitimação do movimento e de suas pautas, instaura-se um olhar negativo sobre as pessoas que se organizam por uma luta antirracista. O enunciador ainda incita a uma desassociação do clube com “raças e crenças”, o que convoca a um discurso de neutralidade ideológica como prática institucional e faz emergir esse enunciado localizado em um contexto de debate racial. Assim, atualiza-se um único lugar possível: o alheamento, a desvinculação e o apagamento do combate ao racismo. O que é suficiente para recordar o aspecto de não-neutralidade e não-independência do enunciado, que sempre remonta a um campo de coexistências, de domínios associados.

Na última figura 4, temos dois textos de duas postagens distintas. No primeiro texto, há o discurso recorrente dos enunciados anteriores, de igualdade entre as raças e diluição das diferenças sociais. A figura de uma mulher negra, personalidade conhecida através da mídia nacional, ainda é usada para criticar a luta antirracismo. Essa personalidade é apontada como racista porque promoveria o racismo de maneira contrária. Assim, dilui-se a questão levantada pelo movimento e centra-se em uma pessoa negra para a deslegitimar, como forma de deslegitimar também o movimento, como se pessoas negras estivessem erradas por sua forma de lutar contra o racismo, quando na verdade são elas os alvos da estrutura racista em questão, são elas os veículos de discursos e práticas fundamentais para esse debate e luta. O segundo texto invoca o mesmo sentido e coloca a mesma pessoa em questão. As ações individuais, íntimas que dizem respeito ao gosto e vida pessoal são usados para deslegitimar as suas reivindicações e ações antirracistas de forma que culpabiliza a pessoa vítima, nesse caso, de racismo.

É comum a todos os enunciados em questão, a demonstração de um incômodo com a pontuação da palavra “negras”, de forma que a colocação das palavras “brancas/vidas brancas” não incomodam e ainda é corroborada. É essa formulação que pretende fazer esquecer

os privilégios, as condições existentes sobre ser branco e a não-simetria. Já aquela, convoca, a todos, à reflexão sobre esse lugar de marginalização, violência e desigualdade.

Esses enunciados atuam em um esvaziamento do significado convocado pela frase “Vidas negras importam”. A todo momento, a diferença entre os grupos sociais, atravessados por relações de poder, é diluída de forma que instaura uma (falsa) simetria em grupos assimétricos. Ao consultar significados para simetria, temos: “2 Correspondência em tamanho, forma ou arranjo, de partes dispostas em lados contrários de uma linha divisória, um plano, um centro ou um eixo. 6 Disposição regular de muitos órgãos do corpo, sendo que uma parte é igual à outra”. Ainda que sintaticamente a simetria exista, e a sua função seja de amparar uma argumentação, no entanto, essa simetria não se sustenta discursivamente. Essa correspondência, semelhança entre os grupos é falsa, ainda que sintaticamente ela exista, porque não existe uma igualdade social entre eles como se pretende afirmar, sobretudo diante do fato desencadeador das manifestações iniciadas em junho de 2020, que pode ser um indicador de tantos outros fatos semelhantes, que evidenciam essa desigualdade manifestada na violência policial contra corpos negros e sua marginalização estruturada.

Considerações Finais

A metodologia de descrição e análise dos enunciados, utilizada aqui, nos leva a nos perguntarmos sob quais condições o discurso analisado surge e vemos que é justamente nas condições de diferença entre etnias, socialmente construídas a partir do processo de colonização nas Américas e assim também no Brasil, que o enunciado “Vidas negras importam” acontece. Assim, ele expressa a necessidade da marcação de uma diferença e uma delimitação.

Por ser o discurso objeto e lugar de poder, ele torna-se um palco de disputa, assim os enunciados surgem, muitas vezes, como uma ação reativa ao acontecimento de um discurso anterior. O enunciado que convoca a ideia de igualdade e democracia racial surge, então, como uma reação de incômodo. Incômodo com o apossar-se desse lugar que pode dizer para assim acontecer, incômodo com os perigos que o novo pode vir a trazer, incômodo com a possibilidade de perda de poder. Entendemos assim que como um grito expressivo de sentimento de indignação, o enunciado “Vidas negras importam” surge em espaços e tempo determinados como todo acontecimento, mas nem por isso esgota outras possibilidades de manifestação discursiva, como se ele não se esgotasse em si, abrindo novos espaços para acontecimentos de outros discursos, estabelecendo inesgotáveis relações.

Assim, em nossa análise objetivamos compreender os desdobramentos de uma série de manifestações sociais articuladas que se materializam em enunciados para dar voz e lugar a sujeitos atravessados por diferentes formações discursivas. Tomados em sua instância enunciativa própria e em seu momento de irrupção, os enunciados puderam ser compreendidos conforme suas singularidades e como fundante de acontecimentos que legitimam práticas sociais e produzem sentidos. Particularmente, nesse contexto, dois enunciados que em deslocamento revelam a oposição, sendo que um deles opera a favor do esvaziamento dos debates sobre o racismo e o outro a favor da efetivação da resistência contra a violência que atinge determinados corpos.

Referências bibliográficas

Black Lives Matter. Site. Disponível em: <https://blacklivesmatter.com/>.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** 8.ed.: Paz e terra. Disponível em: https://perguntasapo.files.wordpress.com/2011/02/castells_1999_parte1_cap1.pdf. Acesso em: 13 jul. 2020.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7.ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso.** 3.ed., São Paulo: Edições Loyola, 1996. Disponível em: <https://www>.

academia.edu/37089018/FOUCAULT_Michel_A_Ordem_do_Discurso. Acesso em: 04 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber: curso no Collège de France (1970-71)**. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo, WMF Martins Fontes. 2014.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In. ___. **Em defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NAVARRO, P. **O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história**. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/danypereira509/foucault-e-os-domnios-da-linguagem-vanice-sargentini-e-pedro-navarrobarbosa-orgs-1>. Acesso em: 05 jul. 2020.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em 31 de julho de 2020.
Aceito em 20 de outubro de 2020.